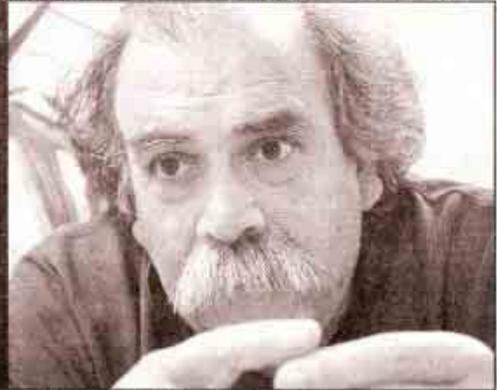


PRESIDENTE DA ARL NÃO QUER MISTURAS ENTRE A IGREJA E AS ESCOLAS

Ele agora quer acabar com os feriados religiosos



Luís Mateus tem 56 anos e é o presidente da Associação República e Laicidade. Ao *24horas* explicou porque é que não quer ver mais crucifixos ou festas religiosas nas escolas. Garantiu que nada o move contra a Igreja, mas prefere que os dias de descanso sejam escolhidos por cada um de nós...



Nesta cruzada, Luís Mateus, arquitecto de profissão, vai mais longe e até quer acabar com os feriados no Natal e na Páscoa

Nuno Pinto Martins

"Percebo que para um católico a imagem de Cristo na cruz não faça confusão, mas nem todos são católicos", começa por explicar Luís Mateus, 56 anos, ao *24horas*. O presidente da ARL, que recentemente se queixou ao Ministério da Educação sobre a presença de crucifixos nas escolas, não quer misturas entre a Igreja e os estabelecimentos de ensino.

Nesta cruzada, Luís Mateus, arquitecto de profissão, vai mais longe: quer acabar com os feriados no Natal e na Páscoa, e em outras datas religiosas. O presidente da ARL gostava de ver estes dias de descanso substituídos por "um pacote" de feriados de "quatro ou cinco dias", a gozar anualmente e à escolha de cada um. "Chegava ao início do ano e cada um de nós dizia: quero gozar os meus feriados nestes dias, porque a mulher ou o filho faz anos ou porque é a abertura da caça ou da pesca...", diz.

Entretanto, e enquanto a inovadora proposta não avança, Luís não diz que não a um feriadinho. "Toda a gente os goza. Mas quem é que goza um feriado por razões religiosas? As pessoas fazem-no para ir à pesca, fazer ponte ou ir apanhar sol", justifica. Luís é republicano e laico por convicção. "Sou baptizado, mas não foi por escolha própria, aliás, como a maior parte de nós não foi", frisa.

Fez questão de deixar os dois filhos escolherem o seu próprio rumo. "Os meus filhos tiveram percursos diferentes, de acordo com as escolhas que fizeram. A minha filha, por exemplo, tem hoje 18 anos e foi baptizada quando quis, fez catequese e a primeira comunhão porque quis, e hoje não pratica porque não quer. Já o meu filho, com 27 anos, não quis ser baptizado".

Contra a ditadura da maioria

Mais do que ter fé em Deus – disso prefere não falar – o ex-docente da Universidade do Minho considera-se "um humanita", "um homem de muita fé... no homem". "Não vou à missa, mas isso sou eu, que não sou religioso. Se fosse até ia", diz Luís Mateus. E destaca: "Temos muitos sócios na associação, se calhar a maioria, que são católicos e que vão à missa quando acham que têm de ir".

Luís Mateus defende a total liberdade religiosa, dentro e fora dos estabelecimentos de ensino. E critica o que considera ser a "ditadura da maioria"... católica. Mas garante que nada o move contra a Igreja. "Somos é contra o clericalismo, ou seja, que numa sociedade haja um grupo que tem a ambição de controlar o resto da sociedade, em nome de uma convicção qualquer", elucida Luís Mateus.



CDS-PP pediu satisfações ao Governo

| | | |
|--|---|--|
| O CDS-PP pediu ontem ao Governo esclarecimentos sobre o processo de retirada de crucifixos das escolas, considerando que "qualquer hostilidade dirigida contra símbolos religio- | sos não pode deixar de ser entendida com o vulgar expressão de intolerância". Em comunicado, o partido liderado por Ribeiro e Castro manifestou-se ainda contra os "grupos de pres- | são ultraminoritários" que apresentaram as respectivas queixas ao Ministério da Educação – entre os quais a ARL – "que merecem ser repudiadas e inteiramente afastadas". |
|--|---|--|

Para além de ser contra a presença de crucifixos nas escolas, a Associação República e Laicidade (ARL) opõe-se ainda a que qualquer celebração religiosa ali seja realizada. Mas não exclui as habituais festas de Natal ou da Páscoa "desde que não lhes dêem esse cariz religioso". defende. Também a disciplina de Religião e Moral, considera o presidente da Associação República e Laicidade, deve ser abolida do sistema de ensino, e ministrada nos locais próprios. "A escola tem de formar para a ciência e para o conhecimento e não para a convicção e para a crença", conclui. ■